

# BREVÍSSIMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE LÍNGUAS BANTU, EM PARTICULAR, A LÍNGUA KIKONGO: MEMÓRIAS AFRO-BRASILEIRAS

Tiganá Santana

Doutorando em Estudos de Tradução pela Universidade de São Paulo (USP)

tigana@usp.br

## RESUMO

A língua *kikongo*, dentro do vasto mapa linguístico do continente africano, inclui-se no grupo *bantu*, estudado, notadamente, por linguistas como Greenberg (1982), Nurse e Philippson (2014), Ngunga (2014), Castro (2005), etc. Apresentamos uma descrição básica do *kikongo*, a partir da gramática de Miguel Barroso Quiala, *Longoka Kikongo*. A memória da referida língua, que exerce importante influência sobre a cultura brasileira, chega-nos, nestes escritos, por meio de algumas palavras usadas no Candomblé de linhagem conhecida como Congo-Angola.

**Palavras-chave:** kikongo, bantu, memória, Candomblé.

## ABSTRACT

The *kikongo* language, within the vast linguistic map of the African continent, belongs to the *bantu* group, which is studied by linguists such as Greenberg (1982), Nurse and Philippson (2014), Ngunga (2014), Castro (2005), etc. A basic description of the *kikongo* language was introduced through Miguel Barroso Quiala's grammar – *Longoka Kikongo*. The memory of the *kikongo* language, which deeply influences the Brazilian culture, comes out in this text through some words found in Candomblé from the lineage known as Congo-Angola.

**Keywords:** kikongo, bantu, memory, Candomblé.

É preciso que comecemos este texto, situando, devidamente, o nosso conhecimento da língua *kikongo* como pertencente ao grupo dos “amantes” do idioma e dos que a ele chegaram com autodidatismo. Há, de nossa parte, profundidade no caráter afetivo da relação com o exprimir-pensar *bantu-kongo*, contudo, não conhecemos os recônditos da língua. O que chamamos aqui de caráter afetivo da relação com o *kikongo* é, principal e desveladamente, advindo da nossa ligação com a tradição religiosa afro-brasileira do Candomblé, especificamente, de linhagem denominada Congo-Angola, a qual representa um importantíssimo núcleo de preservação do comportamento existencial-cultural africano no Brasil, conforme já estudado em distintos campos acadêmicos. Línguas, preferências, aspectos sócio-estruturais dignos de nota estão reunidos nos terreiros, nos (*zi*)*nzo* sagrados, ou seja, nos templos negros assentados em território brasileiro. Não diríamos, por outro lado, que a nossa relação com o idioma, como afirmou Risério (1996), em relação ao *yoruba*, seguindo o poeta brasileiro Paulo Leminski, é “diplomática”. São, certamente, outros os vínculos; pelo menos, os pessoais. Mas concordamos com o fato de o nosso conhecimento da língua, como ocorre com Risério (1996), ser “assistemático”. Este estudo não se propõe a adensar uma pesquisa, propriamente, sobre a “linguagem do Candomblé”, conforme o fizeram, por exemplo, Castro (2005) e Álvarez (2004). Aqui se trata de uma breve exposição acerca, sobretudo, do *kikongo*, a partir de uma breve visita da memória a palavras presentes na nossa experiência (que, evidentemente, não é somente nossa) de presença nos terreiros de Candomblé. Sabemos que muitas dessas palavras têm origem e vigência na língua aludida. Assim, chegam-nos os sons de *kalunga*, *nzambi ampungu*, *kwenda*, *mukongo*, *tala*, *mona*, *samba*, *lemba*, *kota*, *fwa*, *ngongo*, *ngolo*, *simbi*, *nzila*, *mama* ou *nengwa*, *tata*, *ngoma*.

A língua *kikongo*, dentro do vasto mapa linguístico do continente africano, inclui-se no grupo *bantu*, da divisão bantóide, esta, segundo a classificação linguística de Greenberg (1982), pertencente ao subgrupo benue-congo, que faz parte da ramificação níger-congo da grande família Níger-Kordofaniana. Embora a classificação de Greenberg, publicada em 1963, seja amplamente aceita — desde os primeiros intentos classificatórios, datados, provavelmente, do início do século XIX —, nesse aspecto particular das línguas *bantu*, ela se faz um tanto controversa (especificamente, em relação à proposta de Guthrie), segundo o próprio linguista:

A classificação do grupo bantu, tomado em seu conjunto, como subgrupo do benue-congo, ele mesmo um ramo da grande família níger-congo, constituiu um dos aspectos mais controvertidos da classificação de Greenberg. Guthrie, em particular, adotou a tese de que o bantu é geneticamente independente, e as inúmeras semelhanças encontradas entre o bantu e outras línguas do níger-congo resultam de influências bantu sobre um grupo de línguas fundamentalmente diferentes. Dessa hipótese, deduziu que o ponto de origem do bantu é o “núcleo” do Shaba meridional, ao passo que Greenberg o situa no vale médio do Benue, na Nigéria, porque as línguas de parentesco mais estreito do subgrupo bantóide do benue-congo são faladas nessa região (GREENBERG, 1982, p. 319).

Castro (2005) trata do ponto de desencontro teórico entre Greenberg e Guthrie:

M.Güthrie, porém, discorda de Greenberg e nega a existência de parentesco lingüístico propriamente dito entre o banto e as línguas oeste-africanas. As semelhanças são, para ele, “bantuísmos”, provenientes da incorporação de traços bantos tomados de uma ou várias línguas do tipo banto, cujo aparecimento na África Ocidental data do período pré-banto [...].

Podemos dizer que a tese de Güthrie aproxima-se da de Greenberg quando os dois situam a origem do banto no oeste. No que diz respeito à relação existente entre línguas bantos e línguas oeste-africanas, será

de Greenberg uma teoria mais verossímil do que a de Güthrie (CASTRO, 2005, p. 26-27).

Antes da classificação geral das línguas africanas de Greenberg, a qual passou a ser, de fato, a mais adotada entre linguistas, no que diz respeito, especificamente, às línguas *bantu*, observemos que, no século XVII, “época em que surgem as primeiras gramáticas e dicionários de línguas africanas” (GREENBERG, 1982, p. 308), também,

vários pesquisadores portugueses observaram a semelhança entre as línguas de Moçambique, na costa oriental da África, e as de Angola e do Congo, a oeste, renunciando assim o conceito de uma família de línguas bantu [...] (GREENBERG, 1982, p. 308).

A título de breve informação sobre o que estamos a afirmar aqui, a classificação geral de línguas africanas, à qual se refere, sucintamente, este trabalho, divide-se em quatro grandes famílias, com suas respectivas ramificações e subgrupos, segundo Greenberg (1982): 1. Níger-Kordofaniana (Níger-Congo e Kordofaniana); 2. Afro-Asiática; 3. Khoisan (Cliques); 4. Nilo-Saariana (Songhai, Saariana [Saariano Central], Maban, Fur, Koman, Chari-Nilo [Macro-Sudanês], Temainiano e Nyangiya). As línguas *bantu*, compreendem, segundo destaca Dalby (1982, p. 331): “(...) a única região do continente a ter constituído objeto de discussões importantes a respeito da interpretação pré-histórica de dados lingüísticos”. O desenvolvimento dos *bantu*, embora remonte a prováveis cinco mil anos atrás, tem o seu espraiamento na região equivalente, atualmente, à República Democrática do Congo, por exemplo, datado de, aproximadamente, três mil anos, confirma-nos Nurse; Philippson (2014) em “As Línguas Bantu” — tradução nossa para o título original *The Bantu Languages*. Segundo Castro (2005), remetendo-se ao

“protobanto”, o conjunto de línguas *bantu* – línguas de mesma coluna vertebral – seria falado há três ou quatro mil anos passados:

O termo banto (< “bantu”, os homens, plural de “muntu”) foi proposto por W.Bleek, em 1862, na primeira gramática comparativa do banto, para nomear a família lingüística que descobrira, composta de várias línguas oriundas de um tronco comum, o protobanto, falado há três ou quatro milênios atrás. Só mais tarde é que o termo passou a ser usado pelos estudiosos de outras áreas para denominar 190.000.000 de indivíduos que habitam territórios compreendidos em toda a extensão abaixo da linha do equador, correspondente a uma área de 9.000.000 km<sup>2</sup>. Seus territórios englobam países da África Central, Oriental e Meridional: República Centro-Africana, Camarões, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Zâmbia, Burundi, Ruanda, Uganda, Quênia, Malawi, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul (CASTRO, 2005, p. 25).

Se a classificação das línguas africanas — em torno de um mil e novecentas (1.900) – de Greenberg é a mais aceita entre os(as) estudiosos(as), por seu turno, a classificação das línguas *bantu* mais utilizada é a de Guthrie, que se alicerça “na existência de traços lingüísticos comuns e da proximidade geográfica” (CASTRO, 2005, p. 29). As línguas *kikongo*, *kimbundu*, *jaga* e *mbala*, por exemplo, estariam na mesma zona (H), embora seus grupos fossem distintos, consoante a classificação do linguista, a qual considera, originalmente, quinze (15) zonas indicadas por letras e vários grupos indicados por números. O linguista Ngunga (2014) trata, assim como vimos em Castro (2005), da origem de se referir a um grupo de línguas, nomeadamente, *bantu*:

[...] foi a aplicação do método comparativo ao estudo das línguas africanas que permitiu que os cientistas descobrissem algumas características comuns entre as línguas de um grupo a que mais tarde se chamou “bantu”. Os exemplos que se seguem ilustram a semelhança

morfológica do termo que significa “gente” ou “pessoas” em algumas línguas moçambicanas, com relativas diferenças de carácter fonológico que justificam o princípio da observância regular das mudanças fonéticas entre as línguas aparentadas. Portanto, estas diferenças podem ser explicadas em termos históricos. Assim:

Gitonga: ba-thu

Swahili: wa-thu

Nyanja: wa-nthu

Shona: va-nhu

Changana: va-nhu

Yao: vaa-ndu

Makonde: va-nu

Makhua: a-thu

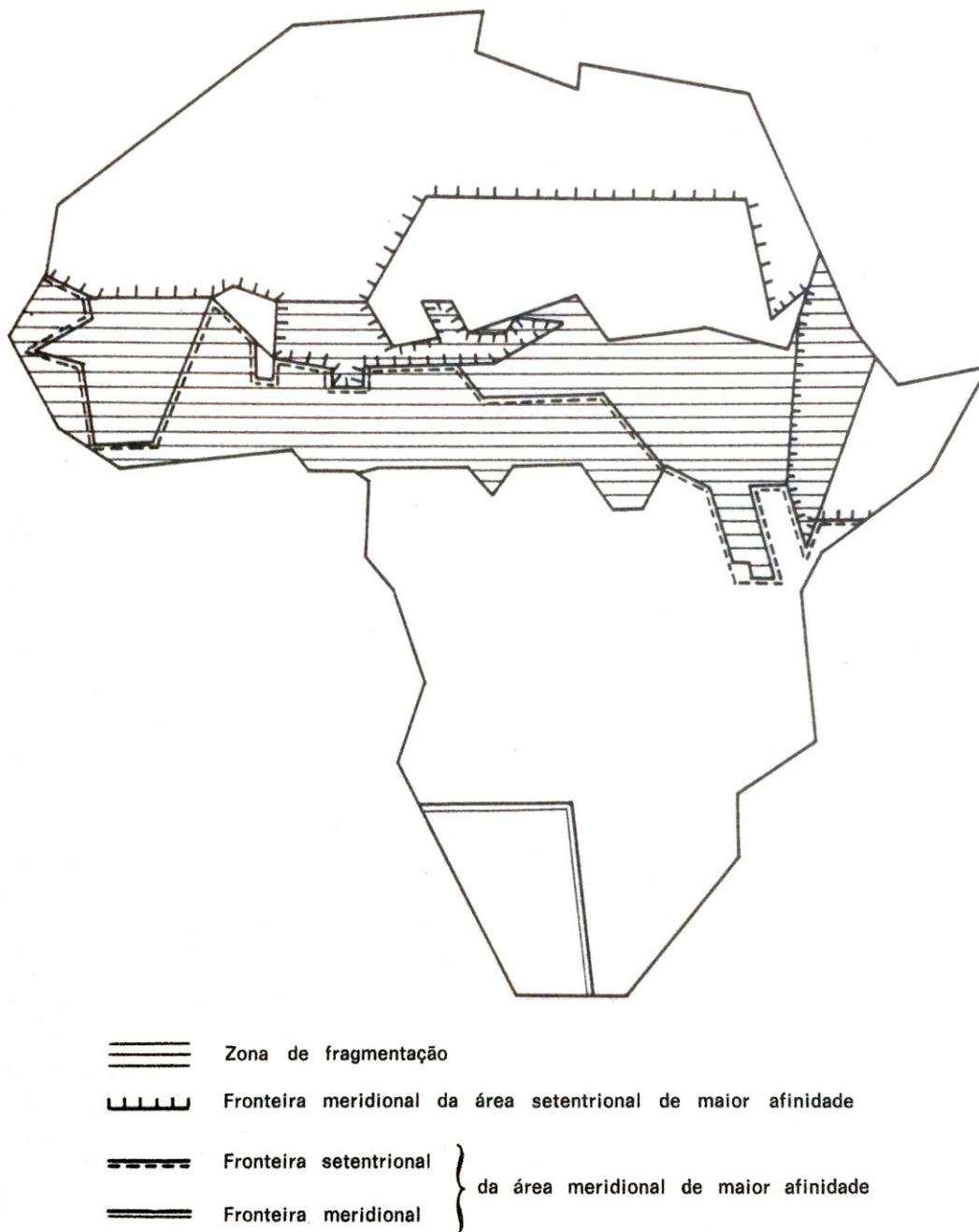
[...]

Esta lista poderia ser mais longa e sempre se verificaria que as duas partes do vocábulo seriam constantes em todas as línguas. Ou seja, um prefixo (de classe 2) “ba-” (wa-, va-, a-) e um tema nominal “-ntu” (-ndu, -nhu, -nthu, -thu, -tu) (NGUNGA, 2014, p. 34-35).

Prossegue o pesquisador moçambicano:

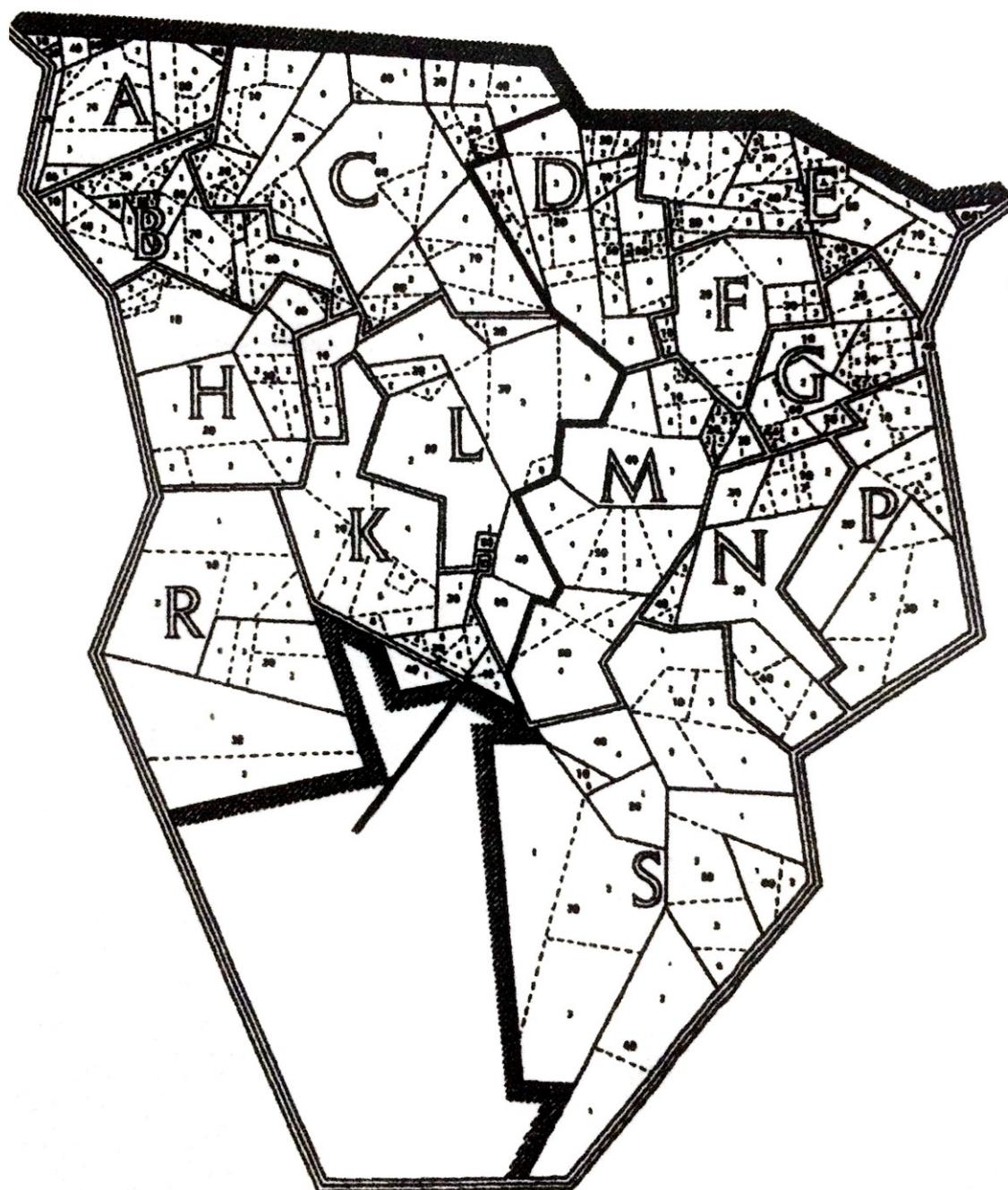
Actualmente, o termo ‘bantu’ é usado nos estudos da linguística moderna para se referir a um grupo de cerca de 600 línguas faladas por mais de 220 milhões de pessoas numa vasta região da África contemporânea [...] (NGUNGA, 2014, p. 35).

Figura 1 - Mapa diagramático geral de línguas africanas



Fonte: Dalby (1982, p. 326).

Figura 2 - Mapa de línguas bantu, por zonas e grupos, segundo a classificação de Guthrie



Fonte: Ngunga (2014, p. 49).

A aludida República Democrática do Congo, ao lado de Angola (sobretudo, na região norte, a abarcar o Uíge e o Zaire), província de Cabinda, parte do sul do Gabão, baixo Congo, regiões da República do Congo, representam onde se vive e viveu o *kikongo*, língua *kongo* ou língua-cultura do antigo Reino do *Kongo*, cuja fundamentação e criação

política é atribuída a Lukeni-lua-Nimi ou Nimi a Lukeni – *Mwene Kongo* ou Manicongo, isto é, soberano / senhor / *soba* do reino, que passa por alterações notáveis, a partir do século XV, quando do contato com os portugueses.

Na sua gramática *Longoka Kikongo* (Aprenda Kikongo), Miguel Barroso Quiala – que também publicou, em 1998, a obra *Ingana ye `Mvovo mya Bakongo* (Provérbios e Máximas dos Bakongo) – observa:

O Kikongo é uma língua falada por muitas pessoas. É falada de Mbanza ya Kongo a todo o território que antigamente pertencia ao Reino do Kongo, de Kinshasa ao Atlântico, pelo que insere variedades dialectais que podem confundir sobretudo os não conhecedores ou não falantes da Língua Kikongo (QUIALA, 2013, p. 16).

E prossegue:

[...] Embora haja entendimento entre os Bakongo, bastantes expressões variam em sotaque, conforme as regiões e sub-regiões atrás citadas, inclusive as migrações internas provocadoras do afastamento do ponto central que, sem dúvida, é Mbanza ya Kongo. A existência de variantes em kikongo é inegável, sendo nítidas, a título de exemplo, as variantes kisikongo, kimbembe, kindamba, kizombo, kinsoso, kiwungo, kiwoyo, kinkanu e kisolongo. [...] Apesar das variantes acima apontadas, é sempre possível os Bakongo entenderem-se porque ao longo dos séculos houve e há sempre generalizações, simplificações e um nivelamento geral da Língua Kikongo partindo do ponto central, Mbanza a Kongo, factos que unificam a língua, significando isto que, para além do aspecto diacrónico (variantes dialectais) o kikongo tem o aspecto sincrónico que o mantém unido e permite o entendimento [...].

Resumindo, embora haja a tendência e o esforço para a utilização escrita do kikongo, a verdade é que, ao ler o texto ou falar, o leitor ou falante não consegue esconder a sua variante pelo seu sotaque. Mesmo fazendo o esforço de falar o Kikongo-padrão, distingue-se quem é muzombo, mundamba, mumbembe, musolongo, etc., ao ler ou falar. (QUIALA, 2013, p. 16-17).

Com base no que o autor citado reúne em sua gramática, algumas informações pertinentes às regras básicas, mais gerais e panorâmicas, do *kikongo* podem ser úteis, quiçá, aos leitores e leitoras que possuam a língua-cultura (luso)brasileira como matricial.

De acordo com Quiala (2013):

1. Todas as palavras monossílabas são oxítonas (ex.: *ntu* – cabeça);
2. As palavras dissílabas são paroxítonas (ex.: *zulu* – céu);
3. As palavras trissílabas são proparoxítonas (ex.: *soneka* – escrever);
4. Há vogais breves – a, e, i, o, u – e vogais longas - aa, ee, ii, oo, uu (ex.: *yala* – estender // *yaala* – governar);

5. O alfabeto, com cerca de vinte letras, a partir do Instituto de Línguas Nacionais, de Angola, já com a sua pronúncia, configura-se da seguinte forma: I) **A**, II) **BÊ**, III) **DÊ**, IV) **E**, V) **FÊ**, VI) **I**, VII) **KÊ**, VIII) **LÊ**, IX) **MÊ**, X) **NÊ**, XI) **NGÊ**, XII) **O**, XIII) **PÊ**, XIV) **SÊ**, XV) **TÊ**, XVI) **U**, XVII) **VÊ**, XVIII) **WÊ**, XIX) **YÊ**, XX) **ZÊ**. Observe-se que **ngê** se pronuncia como “nguê” e **wê** se pronuncia como “uê”;

6. As consoantes compostas, e sua adjacente pronúncia, são: **MB** (mbe), **MF** (mfe), **MP** (mpe), **MV** (mve), **NK** (nke), **NL** (nle), **NS** (nse), **NT** (nte), **NZ** (nze). Eis alguns exemplos de palavras que contêm consoantes compostas: *nzo* [casa], *mvula* [chuva], *nkaka* [animal], *mbuta* [pessoa mais velha], *nteba* [lama] etc.;

7. Como a prefixação é uma das bases do *kikongo*, é importante salientar que os prefixos nominais dividem-se, geralmente, em dezesseis classes, cada uma delas, complexamente, a designar condições, estados, especialidades e ocupações humanas, plural e singular de seres/entes não humanos, etc. Os prefixos locativos, pertencentes a três distintas classes, indicam, em linhas gerais, estar sobre algo ou alguém, direção e

interioridade. Por fim, há uma classe destinada aos prefixos que trazem os substantivos na sua forma diminutiva.

Evidentemente, há tantas outras normas e variações na língua *kikongo* que não abarcamos neste texto. Nosso intento foi lançar aos leitores e leitoras, conforme o supradito, algumas brevíssimas informações gramaticais, a fim de que busquemos juntos outros contornos do idioma que nos tragam, desta forma, outras lentes humano-culturais para se interpretar o mundo.

A influência de línguas *bantu* constitutivas da nação angolana, como o *kikongo* e o *kimbundu*, no chamado “português popular africano”, poderíamos, em muitos aspectos, no que tange à morfossintaxe e à fonética, compará-la ao que ocorre no Brasil. Um estudo-análise focado nas variações presentes na concordância nominal, considerando-se o ‘português’ em distintas conjunturas, mostra-nos tal situação. É demonstrado, num quadro explicativo, que, no “nível fonético”, por exemplo, verifica-se:

Monotongação dos ditongos *ei* > *ê* e *ou* > *ô* - Ex: [pe'rera, [’oru]; Alternância entre o [l] e o [r], que funcionam como alofones do mesmo fonema - Ex: marvado/malvado; Introdução de uma vogal epentética entre duas consoantes - Ex: ‘folor’ [...], ‘ritimo’... (OLIVEIRA; SOLEDADE; SANTOS, 2009, p. 266).

Outros “níveis” são avaliados no estudo e demonstram uma realidade lexical bastante semelhante à brasileira. No “nível sintático”, sentenças como “Vais morar aonde? Fizeste o quê?”, em que se verifica “Rigidez da ordem SVO, tanto nas declarativas, como nas interrogativas, daí as interrogativas em -Q sem nenhum movimento” (OLIVEIRA; SOLEDADE; SANTOS, 2009, p. 267), expressam um tipo de construção africano-angolana, mas, equivalentemente, brasileira.

Muitos dos resultados da influência de línguas *bantu* no ‘português’ corrente seguem, notadamente, regras fundamentais de tais línguas transferidas à língua colonial – algumas dessas regras foram, brevemente, tangenciadas aqui antes, haja vista, especificamente, o *kikongo* e o *kimbundu* serem línguas irmãs. Castro (2005) observa o que segue:

[...] O sistema de classes funciona por meio de prefixos e é a característica principal de toda a família Níger-Congo. O sistema banto, porém, é o mais elaborado.

Em uma língua banto, todo substantivo entra numa classe, ou seja, num grupo de substantivos que têm o mesmo prefixo (ou variante) que eles e que impõem a concordância das palavras dependentes (adjetivos, pronomes e verbos) por meio dos mesmos prefixos. Assim, uma classe é determinada por três (às vezes quatro) tipos de prefixos: nominal, verbal e pronominal. A classe banto, portanto, antes de tudo, é uma classe de concordância (CASTRO, 2005, p. 32).

Ainda analisando a relação entre línguas *bantu*, o “português popular africano (angolano, em particular)” e a língua-cultura (luso)brasileira, notam-se, por fim, segundo Oliveira; Soledade; Santos (2009, p. 267), no “nível morfológico”, situações em que há “Queda do -r final do infinitivo – Ex: eu quero comê”. Castro (2005), por sua vez acrescenta, em relação ao contato (trans)formador entre línguas *bantu* e língua (luso)brasileira:

[...] categorização de número dos nomes manifestada pelos mesmos modificadores (mod) no plural (Pl), marca característica da nossa linguagem popular, cuja posição na frase, sempre precedendo o nome, pode também ser interpretado como um caso de decalque do sistema classificatório de prefixos /pf/ em banto, para indicar a oposição entre singular e plural dos nomes. (CASTRO, 2005, p. 103).

Isso quer dizer, em outras palavras, que se conecta à típica prefixação do *kikongo* e do *kimbundu* um exemplo como ‘a pessoa’ – no singular – e ‘as pessoas’ – na forma plural – tornar-se a pessoa – singular – e as pessoa – plural –, já que temos, em *kikongo*, mu-ntu (pessoa) e ba-ntu (pessoas), ou, em *kimbundu*, mu-tu (pessoa) e a-tu (pessoas).

É sabido que a presença dos diversos *bantu* trazidos para o território brasileiro, entre cabindas, quiloas, rebolos, benguelas, macuas e outros, segundo a classificação dos traficantes de escravizados, manifesta-se em partes profundas do que se chamaria, grosso modo, de cultura brasileira, incluindo-se, claro, seu léxico corrente. Termos como caçula, samba, bengala, moleque, cochilar, umbigo, etc., tão naturalizados no que se escreve, lê e fala no Brasil, substituem palavras de origem portuguesa ou provenientes de outras raízes idiomáticas. Eis como nos contextualiza Castro (2005, p. 34):

No Brasil, o povo banto ficou conhecido por denominações muito amplas, principalmente *congós* e *angolas*, que encerram um sem número de etnias e línguas distribuídas entre os atuais territórios dos Congos e de Angola [...]

Entre os bantos, destacaram-se pela superioridade numérica, duração e continuidade no tempo de contato direto com o colonizador português, três povos litorâneos: 1) *bacongo*, 2) *ambundo* e 3) *ovimbundo*.

A propósito dos contatos linguísticos, já que, de acordo com Lobo; Oliveira (2009, p. 6), “Dentre as diversas situações de contato havidas, a do português com línguas africanas assume maior relevância por ter sido generalizada no tempo e no espaço”, observemos, a partir dos estudos de Castro (2005), que:

O resultado da análise dos dados obtidos nos levou a concluir que, historicamente, por parte das línguas africanas, as do grupo banto foram as mais importantes no processo de configuração do perfil do português brasileiro, devido à antigüidade e superioridade numérica de seus

falantes e a grandeza da dimensão alcançada pela sua distribuição humana no Brasil colonial. Assim sendo, na medida em que a profundidade sincrônica revela uma antigüidade diacrônica, constatamos que os aportes bantos estão associados ao regime da escravidão, aqueles chamados “empréstimos arcaicos” por Jacques Raimundo [...], alguns já obsoletos (Cf. *mucama*), enquanto a maioria deles está completamente integrada ao sistema lingüístico do português, formando derivados portugueses a partir de uma mesma raiz banto (Cf. *molambo*, *esmolambar*, *esmolambamento*, etc.). Em alguns casos, a palavra banto chega a substituir completamente o seu equivalente em português, sem que o locutor brasileiro, em geral, seja capaz de discernir se aquela palavra é africana, ameríndia ou portuguesa. Dentre os exemplos, merece destaque a palavra *caçula*, por ser a única conhecida de todos os brasileiros com o sentido de “filho mais jovem” e cuja origem africana é completamente ignorada pela grande maioria [...] (CASTRO, 2005, p. 74-75).

A professora Valdina Pinto é reconhecida como *Makota* – função de grande responsabilidade exercida por determinadas mulheres nos terreiros Congo-Angola. *Makota* Valdina, como é mais frequentemente chamada, foi uma das pessoas pioneiras, a partir da década de 1970, para o reconhecimento social de ocupações religiosas afro-brasileiras. Ela nos alerta quanto ao fato de que:

Considerando as sobrevivências lingüísticas nos terreiros de angola através das cantigas, das rezas, do vocabulário utilizado, podemos destacar os *Bakongo*, os *Ambundo*, possivelmente os *Tshokwe*, *Kokwe* ou *Kioko* como os principais grupos que, com seus subgrupos, influenciaram na formação da nação que hoje genericamente denominamos “angola”.

Imagino ter sido nos quilombos, nos primeiros agrupamentos de negros aqui no Brasil, que estes buscaram organizar as primeiras formas de expressão de sua religiosidade na nova terra. De lá para cá, por conta do racismo, das perseguições, da discriminação existente na sociedade brasileira, muito deve ter-se perdido com o passar dos anos. Contudo, graças a uma atitude de resistência, algo tem sido conservado e entre nós sobrevive, como marca de identidade com esses grupos que contribuíram para a nossa formação de afrodescendentes ou afro-brasileiros.

“Língua do angola”... ou seja, do candomblé de nação angola. Ela está contida nas rezas, nas cantigas dos *n’kisi*, nos cantos ritualísticos, no vocabulário e expressões usados, onde um misto de termos das línguas *kikongo* e *kimbundo*,

sobretudo, mas acredito também que algum dialeto dessas línguas e/ou fragmentos de tantas outras línguas bantus compõem esse universo (PINTO, 2015, p. 151).

A pesquisadora Álvarez (2004) lembra da evocação, por parte de *Makota Valdina*, do pensar *bantu-kongo* trazido por Bunseki Fu-Kiau, a partir de termos em *kikongo*, quando do “Encontro de Nações de Candomblé”:

Paralelamente, observa-se uma “redescoberta do banto” (Castro 2001: 123). No “Encontro de nações-de-candomblé” que teve lugar em Salvador, em 1995, uma praticante muito respeitada do candomblé de nação angola, Valdina Pinto, citou Fu-Kiau, um sacerdote e estudioso originário do Congo, introduzindo uma terminologia de origem banto (quicongo) que Fu-Kiau utiliza para explicar a visão de mundo dos bacongo, um povo banto. Em Pinto (1998), ela menciona novamente conceitos utilizados pelo mesmo estudioso. Aliás, em 1999, durante meu trabalho de campo, Fu-Kiau visitou o CEAO, onde deu várias palestras sobre tradição oral e conceitos da cosmologia dos bacongo (ÁLVAREZ, 2004, p. 166).

O *kikongo* chega-nos, particularmente, conforme já afirmamos, por meio da vivência no Candomblé, no Terreiro, no *Nzo*. A memória presente talvez se vivifique por suas ondas e radiações (*minika ye minienie*), princípio (*n'kingu*) caro aos *bantu-kongo*, conforme nos lembra o notável *mukongo* (pessoa *kongo*) Fu-Kiau (2001, p. 11), sob nossa tradução do texto original em inglês: “Um entendimento sistêmico, portanto, é possível apenas se alguém pode experimentar e sentir a beleza da radiação [n'nienzi a minienie] da língua que gera a cultura em questão”. Não se trata aqui de uma experiência não híbrida de línguas e pensares (ao contrário), contudo, no contexto religioso de matrizes africanas, notadamente, a partir do Candomblé, trata-se de reverenciar, esteticamente, o *n'kisi*, ou seja, trata-se de cantar a principal força manifesta de tal religião, a significar ‘remédio’ ou ‘feitiço’, ao tempo em que, também, designa uma estatueta sagrada, onde

se assentam energias-mistério. Referimo-nos, evidentemente, a um *kikongo-kimbundu*, *kikongo-umbundu*, *kikongo* resgatado/recriado no Brasil, *kikongo* que se reporta ao *kikongo*.

*N'kisi*, que, nos terreiros de Candomblé Congo-Angola, nomeia a divindade que cuida das pessoas em todo o seu percurso no mundo físico, vem do verbo *kinsa* – ‘cuidar’. A palavra *N'kinsa*, proveniente do radical mencionado, evoca, de acordo com Fu-Kiau (1978, manuscrito, p. 210), um “movimento rítmico do corpo – *mouvement rythmique du corps*”. *N'kisi* é também um objeto, puramente artístico, ensina-nos Fu-Kiau, e, por seu turno, *N'kinsi* é “necessidade, valor – *besoin, valeur*” (FU-KIAU, 1978, manuscrito, p. 210). *N'kisi* é um objeto-diploma (como *n'lunga*) a oficializar uma especialidade. Os cânticos (*n'kungu*) a ele (ao *n'kisi*) direcionados, em *kikongo*, trazem à baila tudo isso por meio das radiações culturais da língua originária; memória presente, vivência intemporal. Mas o que nos diz a ideia de memória nesse contexto? A corda da memória abarca tudo o que nos antecede e tem relação com as nossas vidas, bem como permite que o acontecer e o devir sejam o instante da lembrança. Aliás, memória, em *kikongo*, é *ntima* – mesma palavra empregada para coração; do mesmo modo como, nos desenhos etimológicos latinos, ‘saber de cor’ é ‘saber de coração’. Deste modo, toda memória pulsa no tempo, sangra, dilata-se, comprime-se e é emblema de afeto e interioridade. As palavras, as frequências, a sonoridade, as quais vibram na nossa escuta, conduzem-nos a um lugar, esteticamente, insondável; tão tangível e imagético, quanto imaterial, longínquo, antepassado e da ordem do porvir (*kolo kikwiza*), sempre que nos reportamos a um complexo desdobramento-origem de identidade negra no Brasil.

## Referências

ÁLVAREZ, Laura López. *A língua de Camões com Iemanjá: forma e funções da linguagem do Candomblé*. Tese de doutorado. Estocolmo: Universidade de Estocolmo, ISPLA, 2004.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2005.

DALBY, D. Mapa linguístico da África. In: KI-ZERBO, J. *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. Tradução Beatriz Turquetti et al. São Paulo: Ática; Paris: Unesco, 1982, p. 325-331.

FU-KIAU, Kimbwandende kia Bunseki. *African cosmology of the bantu-kongo: principles of life and living*. 2. ed. Nova Iorque: Athelia Henrietta Press, 2001.

\_\_\_\_\_. *Makuku Matatu: les fondements culturels bantu chez les kongo*. [Manuscrito]

1978.

GREENBERG, J. H. Classificação das línguas da África. In: KI-ZERBO, J. *História geral da África: metodologia e pré-história da África*. Tradução Beatriz Turquetti et al. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1982, p. 307-323.

NGUNGA, Armindo. *Introdução à linguística bantu*. Maputo: Imprensa Universitária, 2014.

NURSE, Derek; PHILIPPSON, Gérard. *The bantu languages*. Nova Iorque: Routledge, 2014.

OLIVEIRA, Klebson; SOLEDADE, Juliana; SANTOS, Verônica de Souza. Concordância nominal. In: LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (orgs.). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 255-316.

PINTO, Valdina. *Meu caminhar, meu viver*. 2. ed. Salvador: SEPRMI / EGBA, 2015.

QUIALA, Miguel Barroso. *Longoka kikongo: aprenda kikongo*. Luanda: Mayamba, 2013.

RISÉRIO, Antônio. *Oriki Orixá*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

**Recebido em 31 de agosto de 2018.**

**Aceite em 11 de dezembro de 2018.**